

RESENHA

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

Após a trilogia em que tratou dos processos de mudanças sociais globais resultantes da interação entre as redes digitais de comunicação e identidade, Manuel Castells começa a detalhar os fios que unem a *sociedade em rede: a comunicação e a informação*, relacionando-as com os conceitos de *poder e política*. Para o autor, o poder está baseado no controle da informação e da comunicação, seja ele o poder macro do Estado e da mídia, ou o poder micro de organizações, como os movimentos sociais.

Ora, Castells aborda *por que, como e por quem* as relações de poder são construídas e exercidas na sociedade, e de que forma “essas relações de poder podem ser alteradas por atores sociais que têm como meta mudanças sociais” e se mobilizam para o enfrentamento à institucionalização de normas e regras visando provocar mudanças sociais (p. 21). Estabelece-se, então, uma dinâmica de poder e contrapoder, entre o poder já estabelecido na sociedade, suas instituições e capacidade reprodutiva, e os desafiantes desse poder, os atores sociais (indivíduos, comunidades, organizações) que não vêm seus interesses e valores representados, mas podem se reunir em movimentos sociais que, “através da história, [...] foram, e continuam sendo, as alavancas de mudança social” (p. 55).

O livro está estruturado em cinco capítulos, e representa a lógica construída pelo autor para apresentação dos temas que propôs.

No capítulo 1 o Castells discute sobre a Teoria do Poder visando compreender a realidade social, e relacionar com os conceitos de redes e sociedade em rede, anteriormente trabalhados pelo autor na trilogia *A Era da Informação*. Ao caracterizar a sociedade contemporânea como sociedade em rede, Castells estabelece as redes como estruturas comunicativas programadas por atores sociais, que evolui de acordo com a capacidade e a necessidade permanente de uma busca por combinações de redes mais eficientes. Dessa forma, “uma sociedade em rede é uma sociedade cuja estrutura social é construída em torno de redes ativadas por tecnologias de comunicação e de informação processadas digitalmente e baseadas na microeletrônica” (p. 70), tornando-se global devido a sua escalabilidade que ultrapassa fronteiras geográficas e institucionais, mas construída a partir de experiência humana local.

Castells coloca o poder como “o processo mais fundamental na sociedade, já que a sociedade é definida em torno de valores e instituições e o que é valorizado e institucionalizado é definido pelas relações de poder” (p. 57). Daí, é necessário fazer um contraponto com a noção de imposição pela força, que não é uma relação social, pois leva a extinção do ator social dominado. Deve existir, assim, uma complementaridade das fontes de poder, conforme Weber (1978, p. 53), que define o poder social como “a probabilidade de que um ator em uma relação social esteja em

* Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Doutorando em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Bibliotecário da Universidade Federal do Ceará, Brasil. Editor-Adjunto da revista PBCIB, Brasil. E-mail: nonatobiblio@gmail.com.

uma posição que lhe permita realizar sua própria vontade apesar da resistência, independentemente da base na qual essa probabilidade se apoia”. Dessa forma, o poder não se localiza em uma esfera social ou instituição específica, mas está distribuído por todas as ações humanas. “No entanto, há expressões concentradas de relações de poder em certas formas sociais, que condicionam e forjam a prática do poder na sociedade como um todo ao reforçar a dominação.” (p. 61). Ou seja, o poder é relacional e a dominação é institucional.

Até aqui o autor vai estabelecendo os determinantes estruturais da relação entre poder e comunicação na sociedade em rede. No capítulo 2, Castells analisa os processos que envolvem a comunicação, a mídia de massa e as redes de comunicação na transformação cultural em nosso mundo.

Para o autor, o *poder* atua sobre a mente humana por meio de mensagens comunicativas (informação). Desse modo, destaca a necessidade de se entender como a mente humana processa essas mensagens e como isso se traduz em ações na esfera política, desde a dimensão política individual até a dimensão política coletiva. Nesse contexto, a internet está nas mãos de grandes organizações privadas, ainda que muitos governos tenham insistido em sua regulamentação. Contudo, a “rede das redes” permanece como um modo de comunicação distinto, conferindo bastante autonomia aos seus usuários com relação a seus donos e reguladores. Isso acontece porque essa tecnologia digital permite que indivíduos e outras organizações “menores” gerem seus próprios conteúdos informacionais e os distribuam no ciberespaço¹, rompendo esse controle comercial e governamental. Isso acaba causando nervosismo nos governos, já que sua autoridade através da história foi baseada no controle da informação e da comunicação.

Vide o exemplo do atual presidente do Estados Unidos, que está constantemente no *Twitter* respondendo às inúmeras críticas que sua gestão tem recebido, veiculadas pela chamada “grande imprensa”, escrita, televisada e virtual. Então, qualquer nova tecnologia de comunicação, (como a imprensa, que resultou na impressão clandestina de bíblias que levou ao questionamento do poder da Igreja Católica, no final da Idade Média) é um desafio à autoridade, pois tende a unir grupos até então dispersos em torno de temas para mobilização social e lutas por uma nova organização social.

Trata-se de uma sociabilidade reconstruída na relação entre individualismo conectado e comunidade, por meio da busca de indivíduos que possuem mentes semelhantes em um processo que combina interação *on line* com interação *off line*, ciberespaço e espaço local. Desse modo, “a internet agora se tornou uma política de ferramenta institucional tão central quanto a televisão” (p. 33).

Assim, visando adentrar na mente humana, Castells analisa no capítulo 3 as relações entre três conceitos: emoção, cognição e política. Exemplifica em pesquisas da área de comunicação política, em que políticos intervêm deliberadamente na mídia e em outras redes de comunicação para promover seus interesses. O autor coloca ainda que a mudança social tem sua raiz na motivação emocional, individual ou coletiva. Um dos “gatilhos” sociais para a mobilização pode ser a *raiva*, constantemente aumentada pela percepção de uma injustiça e pela necessidade da identificação do responsável pela situação. A partir do compartilhamento e da descoberta de outras pessoas com o mesmo sentimento, a interação e a ação comunicativa crescem e induzirá na proposição de ações coletivas.

¹ “[...] o ciberespaço é, provavelmente, a instituição humana, o meio de comunicação em formação, o espaço de comunicação mais transversal e mais aberto criado até hoje. Aquele que maximiza todas as possibilidades de cooperação competitivas” (LÉVY, 2000, p.116).

No quarto capítulo Castells explica por que na sociedade em rede a política é fundamentalmente a política da mídia (e do escândalo), e as mensagens, as organizações e os líderes que não têm uma presença na mídia não existem na mente pública. Assim, aqueles que transmitem suas mensagens aos cidadãos como um todo, através das tecnologias disponíveis, têm a oportunidade de influenciar suas decisões de maneiras que levam a seu próprio acesso às posições de poder no Estado. Contudo, isso também tem seu lado negativo, apontado no livro pelos resultados da análise da crise mundial de legitimidade política, que desafia o significado de democracia em muitos países do mundo.

Encerrando a abordagem proposta pelo autor, o capítulo 5 explora como os movimentos sociais e outros agentes de transformação social atuam em nossa sociedade por meio da reprogramação das redes de comunicação, ao transmitirem mensagens que introduzem novos valores nas mentes das pessoas, inspirando a esperança de mudança. Para Castells, os movimentos sociais que têm como objetivo a mudança cultural deveriam propor uma política insurgente, incorporando atores mobilizados para a mudança em um sistema que eles seguiam antes, resistindo contra ações que agora consideram injustas, imorais ou mesmo ilegítimas.

Então percebemos como o autor ressalta, no decorrer do livro, que o surgimento das novas formas de comunicação em rede aumenta as oportunidades de mudança social, dependendo obviamente da cultura, da organização, e da cognição do indivíduo (como ele constrói, em sua mente, as relações de poder que podem ser resultantes dessas oportunidades). Castells explora as fontes das relações de poder político em nosso mundo, tentando conectar a dinâmica estrutural da sociedade em rede e a consequente interação entre emoção, cognição e comportamento.

Portanto, mais ainda do que na trilogia *A Era da Informação*, Castells reforça a relação indissolúvel entre a *comunicação e a informação*, demonstrando a relevância do campo científico da Ciência da Informação para a sociedade em que vivemos. Coloca a comunicação da informação, mediante a *web*, como fator chave no empoderamento político e social de grupos minoritários. E esse processo é objeto de estudo, em minha pesquisa de doutoramento, pelo que sou grato ao mestre pelas reflexões e descrições de modelos e resultados de pesquisas, nessa temática. Encontrei mais um *fio* para minha *rede conceitual* na Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2000.

WEBER, Max. **Economy and society**. Berkeley, CA: University of California Press, 1978.